

Sinal amarelo na economia mundial ^{Brasil}

A economia brasileira poderá crescer, em 2001, cerca de 4%, segundo avaliações correntes no mercado financeiro. Não são projeções decepcionantes, mas, certamente, refletem uma piora de humor dos analistas de conjuntura, que é o reflexo natural das preocupações com o cenário mundial de 2001 que se tornaram comuns, nas últimas semanas, no exterior. O Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom), reunido quarta-feira, decidiu manter em 16,5% os juros básicos da economia. Para explicar essa decisão, o diretor da área monetária do BC, Luiz Fernando Figueiredo, apontou seis fatores de risco no mercado externo: os preços do petróleo, a crise econômica argentina, a tendência do crédito nos Estados Unidos, o euro desvalorizado, a instabilidade das bolsas de valores e a tensão no Oriente Médio. A redução dos juros brasileiros foi interrompida há cinco meses. A maior parte dos analistas, neste momento, mostra pouca esperança de haver um novo corte na próxima reunião do Copom, em dezembro. Isso explica, em boa parte, o menor otimismo em relação a 2001.

O maior motivo de preocupação, no entanto, é o risco de

uma turbulência internacional. Para a maioria dos analistas, dentro e fora do Brasil, o quadro mais provável continua a ser o do pouso suave, uma acomodação tranquila da economia dos Estados Unidos. Depois de crescer velozmente por quase dez anos, a produção norte-americana deverá, segundo essa projeção, perder impulso e expandir-se mais devagar em 2001 e 2002 – o que, aliás, era o objetivo de Alan Greenspan ao aumentar os juros básicos nos EUA. Assim se eliminará o risco de um recrudescimento inflacionário. Mantido algum dinamismo na Europa e na Ásia, ainda haverá razoável prosperidade mundial.

Mas têm aumentado os temores de um ajuste mais duro – ou de um “pouso menos suave”. Stephen Roach, respeitado economista do banco de investimento Morgan Stanley Dean Witter, há já algumas semanas vem fazendo avaliações no sentido de que a possibilidade de um “pouso forçado” em 2001 é de 40%. Outros economistas conhecidos têm divulgado avaliações semelhantes.

Os preços do petróleo têm permanecido elevados por muito mais tempo do que se imaginava há um ano. Além disso, ninguém pode projetar com al-

guma segurança o desdobramento da crise no Oriente Médio. Mas outros fatores também entram na composição de um cenário preocupante. O vigoroso consumo tem sido um dos fatores da prosperidade norte-americana. Mas o endividamento das famílias e das empresas tem crescido de forma consistente. A disposição de consumir tem sido alimentada, há vários anos, pelo chamado efeito riqueza, resultante da valorização das ações. Com o desemprego em 3,9%, o nível mais baixo em 31 anos, e a economia ainda crescendo vigorosamente, nada parece ameaçar o otimismo dos consumidores. Mas o mercado de capitais anda mais volátil e os empresários têm demonstrado menor segurança, de acordo com recentes pesquisas.

O banco central dos Estados Unidos, o Fed, continua vigilante, à procura de sinais de inflação em alta. O elevado nível de emprego tem favorecido a elevação dos salários, mas, até agora, os ganhos de produtividade têm neutralizado o impacto sobre os preços. Isso pode mudar a qualquer momento.

Além disso, os juros também poderão ser afetados pelo desequilíbrio crescente entre as contas externas da Europa e do Japão, de um lado, e dos Estados Unidos, de outro. Uma redução da confiança poderá dificultar o financiamento do déficit norte-americano.

A maior parte da Ásia continua a crescer, mas a recuperação não foi acompanhada pelos ajustes necessários no setor financeiro. A crise argentina, agravada nos últimos dias, reforça os temores de problemas sérios nas economias emergentes. Diante de vários fatores de insegurança, a aversão ao risco pode au-

mentar, reduzindo os fluxos de capital para o mundo em desenvolvimento.

Ninguém está fazendo afirmações categóricas sobre qualquer desastre iminente. Sobre o risco, no entanto, de que um acidente qualquer possa desencadear o pânico nos mercados financeiros. Esse, no momento, é provavelmente o maior perigo. Mas, para quem não gosta de pessimismo, é possível se concentrar nos 60% de possibilidade de um “pouso suave”...

**O ajuste suave
ainda é o mais
provável, mas
a noção do
risco já afeta
as decisões**